

E agora, Brasil

16 NOV 1986

ANC 88
Pasta Novembro/86
065

A cabou o nosso porre de urna. Foram praticamente 4 meses de efervescência política, de candidatos na rua, carros de som, comícios e a inconveniente interferência noturna na programação da TV, dispendiosa demagogia. O País viveu sua mais importante campanha eleitoral dos últimos 40 anos, num clima de guerra política, sem conteúdo ideológico, numa medição de forças cujos vencedores serão conhecidos a partir de hoje.

A partir das oito horas, revelam-se os que afinal conseguiram atingir o eleitorado com sua mensagem ou com a generosidade de sua bolsa. Da vontade popular, nasce uma nova representação política para o País, na qual muita esperança se deposita. Durante a campanha, muito se falou em mudança, em esperança, em liberdade e justiça social. Nada assegura que esse discurso vai ser posto em prática: não porque esses candidatos de 86 sejam piores que os de outrora, mas pelo descrédito histórico das instituições políticas em nosso País.

Temos arraigada a longa distância entre palavra e gesto. As promessas de candidatos entraram, infelizmente, para o anedotário nacional. A política é vista com desconfiança pela camada mais esclarecida da população, presa da imensa maioria que serve de massa de manobra dos oportunistas, aventureiros e enganadores. Nesta campanha, ofuscado pelo radicalismo das disputas estaduais, o debate constitucional ficou em segundo plano. Exorcizaram-se fantasmas, prometeu-se obras, mas pouco se discutiu o modelo, o futuro de nossa sociedade injusta e desigual.

Vamos para a Assembléia Constituinte sem saber o que queremos, ou para onde vamos. Desejada pelas elites intelectuais, temida pelos setores conservadores, a Constituinte é ignorada pela imensa maioria de marginalizados, que não espera transformações e se julga atendida pela pálida mudança política recente, que levou ao poder um governo que até agora se mostrou tímido no resgate da enorme dívida social.

Tudo indica que, mais uma vez, ficaremos no meio-termo entre o retrocesso e as transformações. Sairá das urnas um PMDB numericamente forte, mas ideologicamente dividido e por isso mesmo politicamente incapaz de formular um projeto coerente para o País: um PFL conservador, e ainda uma minoria aguerrida de esquerda incapaz de negociar soluções e alternativas.

As urnas se abrem sob o impacto de mudanças outras, de ordem conjuntural, na economia, que devem interromper o breve namoro entre os assalariados e o consumo largo e farto. Maior impacto do que a Constituinte terão as medidas econômicas em fase de gestação, cujo sentido em nada será afetado pelo resultado da eleição. Os constituintes não encontram espaço livre. O campo político está ocupado por um Presidente com mandato de duração incerta e a sucessão presidencial corre solta no País. A discussão sobre a duração do mandato pode se sobrepor a tudo o que é mais importante e que deveria estar em debate.

Enfim, o País votou. Agora, é torcer para que a paralisia nacional do período de campanha não tenha sido em vão. É preciso manter a esperança de que essa mobilização popular que começou na campanha das diretas e levou 70 milhões de brasileiros ontem às urnas não tenha sido apenas jogo de cena, mero formalismo democrático para inglês ver.

SERGIO CHACON